

Aviso aos intelectuais

O presidente eleito Fernando Henrique Cardoso esteve em casa no último fim de semana, ouvindo colegas e amigos, discorrendo com brilho e ironia sobre assuntos que tratados por outros (e quantos são!) se tornam aborrecidos. A leitura do improviso com que S. Exa. encerrou o seminário idealizado e realizado pelo Itamaraty e sua assessoria para discutir a situação internacional e a inserção do Brasil nela, essa leitura, dissemos, dá-nos mostra acabada do intelectual que nos governará a partir do dia 1º de janeiro. Intelectual capaz de divertir-se com a *coterie* intelectual a que pertence: "intelectual espera milagre, o povo não". Intelectual, contudo, que corre o risco de desligar-se do mundo real.

A leitura da fala de S. Exa. nos remete para outro mundo que não o de Brasília nem o do Brasil. O de Brasília é o que deseja anistiar o presidente do Senado, fazendo gato-sapato do Supremo. O do Brasil são os governadores eleitos que vão a Brasília na audiência pública da Comissão do Orçamento do Congresso fazer pedidos; ou os governadores eleitos do Nordeste que se reúnem para manter tudo como está, ou os da Amazônia que não desejam mudança alguma. Nem que sejam lentas como prometeu o presidente eleito, a quem repugnam as decisões súbitas, tomadas ex-abrupto, embora valorize o Norte da longa marcha.

O mundo em que o presidente eleito parece viver — pelo menos diz nele *estar* — é o me-

lhor dos mundos: "Ontem disse a alguns amigos: 'Olha aqui, estou sentindo falta de pressão'. Tenho tanta liberdade de escolha que preferia ter menos, para sentir mais onde é que está o solo". Assim tem sido. Como de fato sua nomeação para o Ministério da Fazenda foi recebida (como lembrou sem ter o cuidado de recordar-se do dito do rei Salomão) com alívio, satisfação e esperança por todos. Não tem recebido pressões porque no momento elas estão concentradas no governo Itamar Franco, a mais evidente delas sendo a que os exportadores e alguns economistas fazem para evitar que a taxa de câmbio sobrevalorizada acabe conduzindo a uma situação difícil. Não sente pressões porque os governadores eleitos preferem dirigi-las ao Congresso; não as recebe, porque não há Orçamento (estamos a 6 de dezembro, tenhamos paciência) e ninguém sabe como gastar, embora as emendas sejam dezenas.

O senador Fernando Henrique Cardoso, presidente eleito, não sente pressões. É normal. Afinal, S. Exa. tem todo o direito de escolher aqueles a quem recebe — e tolo seria (e nós sabemos que não o é) se recebesse quem lhe fosse fazer pressão, sabendo que está cercado da aura da vitória no primeiro turno. Mais to-



los sendo os que a ele fossem para pedir, fazendo pressões. O governo não se iniciou e há empenho em que ninguém saiba como será: por que fazer pressão sobre uma manteigueira cheia? O máximo que se conseguirá será tocar com a ponta da faca, quatro centímetros abaixo, a porcelana. Por isso, porque recebe apenas aqueles que vêm nele o unguido do primeiro turno, é que S. Exa. não sente o solo. Perdão; não sente porque não quer, porque o solo da política brasileira é não ape-

nas palpável nos corredores do Congresso e em alguns meandros ministeriais, como em todos os Estados. Certo, o povo mudou, tanto assim que elegeu aquele em quem deposita as esperanças de mudanças, que como jornalistas temos o direito de esperar sejam um pouco mais rápidas do que as prometidas pelo futuro chefe de governo (S. Exa. disse que intelectuais e jornalistas esperam milagres). Apesar desse fato incontestável, porém; apesar da pujança econômica e de muito progresso social que se verifica em inúmeras regiões, o presidente eleito necessita ter cuidado. Os intelectuais vivem no seu mundo, nem sempre real — Hegel tanto citado pelo futuro chefe de Estado teria o que dizer a esse respeito. Os jornalistas, desde que voltados para a realidade e não a

fantasia, sentem o calor e a eletricidade da terra — é por isso que gostaríamos de dizer uma única palavra: cuidado!

A 1º de janeiro, mas sobretudo depois de 15 de fevereiro quando o Congresso toma posse, a realidade com que o presidente da República se defrontará será outra. Ainda terá o direito de só receber quem quiser, mas as pressões estarão no ar. Por isso deveria atentar para as experiências que foram relatadas por colegas

O presidente eleito se deleitou no meio dos amigos. A 1º de janeiro, se imporá a realidade

seus de outros países, que embora intelectuais sentiram como é a realidade quando assumiram o governo — o caso da administração de Frei, do Chile. O presidente deverá estar preparado para a realidade: não

apenas a social, para a qual tem um vultoso programa, mas a política (a de um Congresso, cujo perfil se conhecerá na eleição das Mesas), a econômica, que será muito função da liberdade de ação das estatais e da mudança do cenário internacional que começa a se esboçar com a nova posição da Rússia no Conselho de Segurança, objeto de editorial nesta página.

Dia 1º de janeiro, tudo mudará. O compasso escrito na partitura poderá ser até o mesmo, mas a orquestra tocará diferente. Atenção!